



NATUREZA E ARTE NO OLHAR DE NAZARÉ OLIVEIRA

Adriana Corrêa de Oliveira. UPM
Mirian Celeste Martins. UPM

RESUMO: Este artigo apresenta parte de uma pesquisa qualitativa a partir da história de vida da educadora e mediadora cultural Nazaré Oliveira, marajoara “de coração”, que colaborou com suas ações e produções para a história e a memória coletiva do município de Breves/PA entre as décadas de 1970 e 1990. Na perspectiva de expor algumas de suas produções, ressaltaremos nesta comunicação uma síntese do seu olhar sobre o artesanato local e esculturas em raízes e galhos produzidos e expostos por ela na Casa da Cultura do município de Breves-Marajó-Pará.

Palavras-chave: Marajó. Arte. Educação. Mediação cultural. Nazaré Oliveira.

ABSTRACT: *This article presents part of a qualitative research based on the life history of the educator and cultural mediator Nazaré Oliveira. Born in another city, she chose the city of Breves, Archipelago of Marajo, State of Para as her home town and there collaborated with actions and productions for the history and the collective memory of the city between the 70's and 90's. In an attempt of bringing to light part of her productions, we emphasize her look over the local handcraft made of roots and branches produced and exposed by her at Breves's Culture House (Casa da Cultura de Breves).*

Key words: *Marajó. Art. Education. Cultural Mediation. Nazaré Oliveira.*

Acreditamos ser crucial buscar no passado acontecimentos, relatos e pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a construção do tempo presente. Sendo assim, com este artigo objetivamos fazer o recorte de uma pesquisa qualitativa que reconstitui e analisa a história de vida da professora Nazaré Oliveira, na perspectiva de expor algumas de suas produções. Esta educadora e marajoara “de coração” colaborou com suas ações e produções para a história e a memória coletiva do município de Breves/PA entre as décadas de 1970 e 1990. Ressaltaremos uma síntese do seu olhar sobre o artesanato local e seus trabalhos com esculturas naturais selecionadas e trabalhadas por ela a partir de galhos, raízes, folhas secas, ninhos e sementes coletados às margens de rios, estradas vicinais, roçados ou por onde sua percepção lhe permitisse alcançar. Assim, esta comunicação traz elementos iniciais do projeto de pesquisa no mestrado no Curso de Pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura na Universidade

Presbiteriana Mackenzie, tendo como orientadora Mirian Celeste Martins que assina este artigo comigo.

O interesse pela dimensão artístico/cultural vem me acompanhando ao longo do meu percurso profissional que acontece há 14 anos no ensino fundamental e médio do município de Breves/Pará, ministrando a disciplina Arte. Dentre muitas atividades realizadas neste período, como projetos interdisciplinares, atividades em sala de aula e eventos culturais dentro e fora da escola, este assunto sempre permeou minha prática pedagógica. Atrair o interesse dos alunos, convidando-os a conhecer melhor e refletir criticamente sobre sua própria realidade pode ser uma das inúmeras possibilidades de desenvolver uma arte/educação significativa e contextualizada, como assinala Flavia Maria Cunha Bastos (2010, p. 228): “o conhecimento e o estudo da arte, da cultura e das raízes locais possibilitam a revitalização da identidade cultural dos alunos e a reflexão sobre as suas possibilidades na sociedade”.

Como metodologia, a abordagem de história de vida alimenta a pesquisa, pois segundo Camargo (*apud* Goldenberg, 2011) “cria um tipo especial de documento no qual a experiência pessoal entrelaça-se à ação histórica, diluindo os antagonismos entre subjetividade e objetividade”. Reconstituir e analisar uma história de vida é evidenciar a importância e a contribuição de indivíduos que de alguma maneira deixaram seu legado, sua marca impressa na memória e na história, seja através de sua arte, de suas atitudes, valores, ética ou comprometimento em diferentes áreas de atuação. Em nossa investigação, a hipótese de que a professora Nazaré Oliveira é um desses construtores da história está em processo de consolidação, suscitando os seguintes questionamentos: Por que falar de Professora Nazaré Oliveira? O que ela produziu? Quais as suas contribuições ao município de Breves? Quais são as ressonâncias na atualidade de suas contribuições e produções para a sociedade brevesense?

Para responder estas perguntas, iniciamos a coleta de dados através de entrevistas com a própria Nazaré Oliveira e pessoas que conviveram pessoal e profissionalmente com ela. Estas trouxeram à tona suas percepções e interpretações sobre o conteúdo em questão, assim como o embasamento necessário ao encaminhamento da pesquisa. As entrevistas são aqui consideradas

como nos dizem Teixeira, Marcondes e Oliveira (2010, p.39) um interativo e dialógico procedimento metodológico que:

possibilita a obtenção de dados sociais e subjetivos, como imaginários, representações, sentimentos, valores e emoções, e se constitui em importante recurso para a pesquisa qualitativa na educação, considerando ter a educação uma dimensão social, histórica e cultural e ser um processo de construção de identidade.

Neste entendimento, os trechos de alguns relatos de nossos entrevistados permeiam todo o texto, considerando sua importância e indispensabilidade para evidenciarmos e apreendermos o objeto da presente pesquisa, complementados por documentos e levantamento de suas produções. Mas, antes de adentrarmos na pessoa de Nazaré Oliveira é preciso apontar seu contexto.

Breves em breves passos

*Dos Breves herdastes
O teu nome
Fazendo tua História
Bravo Torrão.
Manoel Fernandes Breves
E Angelo Breves Fernandes
Para ti fundadores
Para nós, irmãos.
Nazaré Oliveira (1986)*

Breves é um dos dezesseis municípios paraenses que compõem a Mesorregião do Marajó. Está situado na parte sudoeste do arquipélago, denominada pelo historiador Agenor Sarraf Pacheco (2009, p.20) como “Marajó das Florestas”. Nesta área predominam as terras secas cobertas por densa vegetação que não estão sujeitas as constantes inundações que ocorrem nas demais partes das ilhas. É também o principal e mais populoso, segundo o IBGE, a população total deste município aumentou de 38.201 no ano de 1970 para 92.860 habitantes em 2010. Partindo de Belém, o acesso é oferecido por meio de navios (viagens com duração entre 10 e 12 horas) ou por avião – taxi aéreo (com aproximadamente 45 minutos de viagem). Atualmente o município possui aproximadamente 300 escolas de educação básica, distribuídas nas zonas urbana e rural; cursos técnicos e de formação superior (na modalidade PARFOR) no Instituto Federal do Pará – IFPa/Campus Breves; e ainda um pólo da Universidade Federal do Pará – UFPa/Campus de Breves.

A paisagem socioeducativa, porém, nem sempre foi esta. Na década de 1970, Breves ainda engatinhava seus primeiros passos no contexto educacional, pois dispunha de algumas escolas que ofertavam o ensino primário e uma única escola de 5ª a 8ª séries – o Ginásio Estadual Miguel Bitar que formava “professores regentes de classe”¹ e foi neste cenário que as primeiras professoras normalistas de Breves iniciaram seus trabalhos, dentre elas, a única que permaneceu durante toda a sua carreira, a professora Maria de Nazaré Barboza de Oliveira, contribuindo não apenas na educação formal, mas também no ambiente sociocultural local, como declara nossa entrevistada, a pedagoga Socorro Cunha que viveu no contexto de construção deste município:

a gente começa tudo aqui com a chegada daquelas normalistas e a Nazaré estava no meio... A educação começa a se deslanchar ela vai lá para o Ginásio Miguel Bitar... as primeiras professoras normalistas que iam formar professores regentes na educação.

O depoimento gravado em janeiro de 2013 com Socorro Cunha – que, além de pedagoga, já atuou como professora, secretária escolar, diretora de escola, secretária municipal de educação e vereadora – sintetiza a opinião e o pensamento de muitas pessoas que conviveram em diversas áreas com Nazaré Oliveira, e que guardam em suas memórias fatos carregados de emoção e saudosismo num processo de revivescimento individual e coletivo. Ainda segundo nossa depoente, neste trajeto de avanços pelo qual o município percorreu, Nazaré Oliveira esteve sempre atuante como, por exemplo, na luta pela implantação da primeira turma de Magistério no Sistema Modular de Ensino no ano de 1982, e em 1985 na implantação do Ensino Regular de 2º grau que funcionava com três cursos na Escola Odizia Corrêa Farias. Este processo resultou ainda, já na década de 1990, na implantação do Campus da Universidade Federal do Pará - UFPA.

Nazaré Oliveira: breve percurso de uma educadora marajoara

Descrever Nazaré Oliveira é um exercício delicado, instigante e revelador. São múltiplas as ações que desenvolveu como professora, pesquisadora, folclorista, escritora, compositora, artista, pedagoga, e acima de tudo educadora e mediadora cultural. Também são inúmeros os adjetivos que lhe são atribuídos pela sociedade com a qual ela conviveu e se relacionou em atividades e momentos diferentes

durante sua atuação profissional. Mulher multifacetada e apaixonada pela cultura local na região da Amazônia Marajoara².

Com o nome de Maria de Nazaré Barboza de Oliveira, nasceu na cidade de Bragança, nordeste do Estado do Pará, em 29 de fevereiro de 1944. Devido ao falecimento precoce de sua mãe dona Doralice Barboza de Oliveira, foi criada e educada por seu pai, Moisés Alves de Oliveira e por sua tia, Josefa Anacleta de Oliveira, a quem dedica toda a influência na sua formação pessoal e profissional, como ela mesma nos declarou em seu depoimento gravado em dezembro de 2012:

[...] eu vivia naquele convívio onde tudo era partilhado, onde havia solidariedade [...] eu via meu pai, minha avó ajudando quem não sabia, quem queria aprender a estudar, a ler e a escrever [...] Acho que isso foi calando fundo dentro de mim e eu me baseava naquele tempo em que pai era o nosso exemplo, mãe também. Minha avó, minha tia, meu pai eram os nossos exemplos, então eu acho que ver como eles eram solidários com os outros, isso foi criando a minha vontade de ser também professora de levar conhecimento pra alguém, de ajudar alguém a enxergar melhor!

“Estudar em uma escola grande” para ser professora era o sonho de menina que começou a ser despertado desde os tempos da colônia quando observava seu pai dedicar-se durante a noite - depois que chegava das roças – à “desemburrar”³ os adultos que queriam aprender a ler e escrever. “Levar conhecimento para alguém, e ajudar alguém a enxergar melhor!”, essa foi a reflexão que se materializou na profissão que ela escolheu desde a infância, essa mesma infância que até hoje parece saltitar como as brincadeiras de roda e de esconde-esconde em suas memórias. O sonho começou a se realizar ainda criança, quando aos oito anos de idade e com a permissão de seu pai, mudou-se para a cidade de Belém indo morar com seus padrinhos, que após algum tempo também se mudaram para a cidade de Xapuri no Acre. Nesta cidade estudou em um colégio de freiras chamado Divina Providência, onde permaneceu até os dezesseis anos. Decidida a ser dona de seu destino sempre foi firme e atenta às suas escolhas, como por exemplo, quando viu – em uma das viagens de navio entre o Acre e Belém – pela primeira vez um lugar, uma pequena cidade – Breves – “toda pintadinha de branco”, novamente foi taxativa, “pois eu gostei desse lugar e venho trabalhar aqui um dia!”

Quando finalmente chegou o momento de escolher a profissão, ao invés de acompanhar as águas de um rio que estava totalmente a seu favor, Nazaré preferiu nadar contra a maré e continuar perseguindo seu primeiro sonho. No retorno à

Belém, apesar dos apelos de sua madrinha para que cursasse medicina, pois esta era a profissão dos sonhos e o status mais cobiçado naquele momento histórico, Nazaré prestou teste de seleção para o curso de Magistério no Colégio Magalhães Barata, aprovada, estudou e se formou em 1971.

Ao que parece não foi uma simples escolha de profissão, mas uma missão assumida para toda a vida, pois, o que a princípio seria um breve contrato anual, perpetuou-se por mais longos e proveitosos trinta anos de incansáveis lutas pela valorização da história, da cultura e da educação brevese ou por onde quer que andasse.

Recém-formada, Nazaré foi atraída por um anúncio de jornal que ofertava vagas para professoras normalistas. Após entrevista e seleção ainda na capital do estado, chegou em Breves em 24 de fevereiro de 1972, iniciando suas atividades em sala de aula nas escolas Emerentina Moreira de Souza, lecionando nas séries iniciais, hoje Ensino Fundamental I, e Ginásio Estadual Miguel Bitar. A partir do ano 1976, assumiu a função de Chefe do Setor de Educação e Cultura. Em 1977, tornou-se também Supervisora Escolar atuando principalmente na zona rural. Posteriormente assumiu a diretoria da Divisão de Cultura, que era vinculada à Secretaria de Educação, onde desenvolveu diversas produções artísticas voltadas a temática popular como: grupos de danças, de teatro, de música, exposição e divulgação do artesanato local e projetos sociais.

Nos últimos anos de atuação profissional no município, ainda como Chefe da Divisão de Cultura, Nazaré Oliveira conseguiu realizar um antigo desejo: instalou um centro cultural denominado Casa da Cultura Márcio Furtado, onde expôs acervo coletado ao longo de muitos anos de esforços. A professora Nazaré Oliveira aposentou-se no ano de 2002 pela Secretaria de Educação do Estado do Pará – Seduc, órgão ao qual também era vinculada, e atualmente mora em Belém.

Entre poesias, artesanato e esculturas que expressam a sensibilidade artística de Nazaré Oliveira vejamos alguns exemplos de suas produções fundamentadas na temática natureza/homem/arte.

O Trançado da palmeiras

(Nazaré Oliveira, 2010)



Verdes palmar de várias nuances
 Nos enche os olhos com tanta beleza
 Riqueza plantada no seio da mata
 Encontro singelo da mão natureza.

As palmeiras também fornecem matéria
 Para o ARTESANATO, variado e famoso.

Quem não conhece o PANEIRO
 Pendurado na cozinha?
 O TIPITI e a PENEIRA,
 Pro fabrico da farinha?

As cestas que guardam tudo
 O TUPÉ, que cobre o chão

E o MATAPI tão usado
Na pesca do camarão.

No Arquipélago do Marajó, o artesanato local se constitui numa atividade cotidiana, tendo em vista a enorme utilidade de utensílios domésticos fabricados a partir de talas e fibras que são facilmente encontradas nas matas e florestas, comuns em toda a região. Conhecidos como cestarias esses objetos como paneiros, peneiras, cestos, bolsas – e o que mais a imaginação permitir – são segundo Carla Arouca Belas (2008, p. 148) “a herança que a população ribeirinha do Marajó recebeu dos mais variados povos indígenas que habitaram a ilha”. Sensível a estas produções, que podemos definir como uma arte utilitária mas também decorativa – dependendo de seu uso – Nazaré Oliveira contribuiu resguardando-as por meio de exposições na Divisão de Cultura o que na época também não ocorria na cidade. A Professora Ivanilda Nemer, licenciada em Ciências Naturais e Especialista em Arte, Expressão e Ensino, que foi colega de trabalho de Nazaré como professora nos anos de 1970 é sua amiga pessoal e ainda atua em sala de aula, em seu depoimento de janeiro de 2013, afirma:

Durante sua atuação na Secretaria de Educação e Cultura no município de Breves, Nazaré Oliveira desenvolveu excelentes trabalhos [...] Sempre valorizando a educação e a cultura local [...] criou uma exposição permanente de artesanato valorizando a cultura dos ribeirinhos e das pessoas da cidade interessadas. Assim o povo não precisava se deslocar até Belém para comprar cestarias e outros objetos, porque encontravam nessa exposição.

Nos trechos do poema de Nazaré apresentado anteriormente – escrito em 2010 especialmente para a monografia de Ivanilda Nemer, intitulada *A arte do trançado: uma morfologia do artesanato na comunidade Nossa Senhora do Carmo* - também encontramos de certa forma a preservação e divulgação da cultura local valorizando saberes e fazeres na arte do trançado. O depoimento do ex-vereador que foi Secretário de Educação e conviveu profissionalmente com Nazaré Oliveira, e hoje é diretor de escola e professor – o pedagogo Vanderlei Castro nos revela que Nazaré:

se preocupava não somente com o meio urbano, mas o meio rural inclusive, é de onde ela mais tira, vamos dizer assim, conteúdo para desenvolver tudo aquilo que ela escreve. Nazaré, frente à Secretaria Municipal de Educação e Cultura deixou esse legado para nós, deixou porque ela está aposentada, ela criou o museu, a casa da cultura aqui em Breves. Ela foi buscar materiais no interior, no rio Mapuá, aonde inclusive ela fez naquele livro

Breves em breves passos, poesias sobre o rio Mapuá e o rio Aranahi, então ela enriqueceu muito o trabalho dela através do meio rural.

O Projeto Raízes



Nazaré Oliveira, porém, não se acomodou apenas em apreciar a produção artesanal alheia e como mais um dos desdobramentos das diversas atividades que exercia desenvolveu habilidades em perceber, analisar, “ler” e manusear elementos da natureza como galhos secos, cipós, raízes, sementes – entre outros materiais – coletados às margens de rios, estradas vicinais, roçados ou por onde seu olhar lhe permitisse alcançar. Esta sensibilidade estética de Nazaré Oliveira é um assunto sempre abordado nos depoimentos de nossos entrevistados quando citam o encantamento e o gosto que ela demonstra em se expressar e conviver com a natureza. Enil Pureza, professor universitário que conviveu profissionalmente durante dez anos com Nazaré Oliveira e hoje é seu amigo pessoal, nos conta em depoimento de janeiro de 2013 que:

[...] na casa que ela morava, que hoje é o Hotel Palace, ela gostava assim de viver cercada da parte vegetal. A casa dela era rodeada por uma barreira (de plantas e flores) que as pessoas não conseguiam olhar muito bem para dentro ou saber onde estava a casa.

Arte-intuição-sensibilidade-percepção-criação: elementos indissociáveis, sinônimos talvez, que ocorrem simultaneamente no processo criativo, somam-se ao contexto cultural do seu criador deixando a critério do seu fruidor/observador a possibilidade de inúmeras interpretações de um mesmo objeto ou imagem, provocando outras leituras, releituras, questionamentos e devaneios.

Ao observarmos as esculturas naturais por ela selecionadas e trabalhadas, também em nós, meros espectadores, despertam-se interesse e curiosidade suscitando-nos alguns questionamentos a respeito do ato criativo no fazer artístico de Nazaré Oliveira, como por exemplo: Como surgiram essas ideias? De onde ela busca inspiração? Que materiais e técnicas são utilizados nessas produções? Qual o impacto causado em seu trabalho e nas outras pessoas envolvidas neste processo? Qual o significado dessa produção artística para a comunidade local, na época em que foram elaboradas e na atualidade? E finalmente, dependendo de nossa identidade cultural, como somos afetados visualmente por essas imagens?

Talvez possamos concluir algumas respostas a estas indagações através de seu próprio relato (depoimento em dezembro de 2012) rememorando alguns diálogos com crianças no início do desenvolvimento do **Projeto Raízes**, que ela coordenou na Divisão de Cultura de Breves quando era diretora, ressaltando detalhes de como atuava e organizava esta atividade:

Eu via aqueles meninos na rua e aquilo me deixava tão agoniada, peguei tirei seis meninos e seis meninas e levei lá para a secretaria de cultura, ali eu colocava eles para fazer o que eu sabia fazer. As meninas pintavam e bordavam... a dona Maria do Cuiú cansou de ir lá me ajudar a ensinar pintura para elas [...] Aí eu fiquei pensando “o quê que eu vou colocar esses meninos para fazer? Vamos procurar raízes! Falei para eles:

- Vamos trabalhar com raízes!

-O que nós vamos fazer com raízes?

-Não sei, vamos vê o que dá para fazer!

- Olhem essas raízes aqui eu achei dentro d'água, eu lavei, lixei e hoje elas estão aqui transformadas em arranjos, todo mundo que chega aqui quer comprar raízes, então vamos fazer isso, um meio para nós comprarmos material para vocês trabalharem!

Pedi um barco ao prefeito, fomos para a beira do rio, mas tinha que está seco (maré baixa)

- Nós vamos andar por dentro da lama para procurar raízes!

- Dentro da lama professora?

- E tem mais, tem que saber como é! Não é qualquer pedaço de pau velho! Tem que namorar a raiz e vê pra que ela serve! – aí eles encostavam o rosto na raiz, namorando a raiz – (risos) Vê se ela tem algum formato e se vocês não souberem distinguir, me falem que eu estou aqui por perto...

- Professora esse aqui tem cara de macaco... esse outro tem cara de leão..

Aí num outro dia:

-Vamos para a estrada

-Mas o que nós vamos fazer?

- Vamos atrás de galho velho!

Aí nós íamos para as roças, para beira da estrada, pegava um carro da prefeitura e ia, pegava semente, pegava galhos, tudo que a gente encontrava ia trazendo.

Intuição, percepção e sensibilidade são elementos presentes nas ações aqui descritas por Nazaré Oliveira. Como ser consciente-sensível-cultural (Ostrower, 2013, p.11) ela foi dando formas novas a objetos descartados pela natureza e ao mesmo tempo transformando o modo de agir e pensar de seus educandos, oferecendo-lhes um novo olhar ao induzi-los a resignificar materiais bastante comuns em seu cotidiano e meio ambiente.



Com este projeto que associava arte-prazer-trabalho, Nazaré Oliveira idealizou uma ação que atendesse à crianças, adolescentes e jovens com pouquíssimas perspectivas de crescimento intelectual, social e cultural. Compartilhou com seus educandos inspirações, ideias e motivação despertando neles, habilidades inerentes a qualquer ser humano que seja estimulado pela linguagem da arte, pois como afirma Ostrower (2013, p. 09) “o ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar,

ordenar, configurar, significar.” Sobre alguns detalhes deste evento vejamos o depoimento, obtido em janeiro de 2013, do teatrólogo e arte/educador Marcos Maranhão, que trabalha neste setor – hoje Secretaria de Cultura, Turismo e Eventos – desde o período em que Nazaré Oliveira o chefiava:

Existia na Secretaria o projeto raízes, onde fazia-se o cadastramento de crianças carentes em todos os bairros periféricos da cidade. Através deste projeto ela deu ensinamento através do teatro, do bordado, de confeccionar flores e artesanato em geral. Havia até o aprendizado de sala de aula, de português, de comportamento e de conduta. [...] Havia beneficiamento de raízes onde a professora Nazaré orientava as crianças e adolescentes deste projeto. Ela estava sempre à frente coordenando os trabalhos, sempre presente. Final do mês eles recebiam cestas básicas, tinham acompanhamento médico, enfim, ela dava toda a assistência necessária para as crianças



Assim, compartilhamos as imagens de algumas das raízes, galhos e outros elementos naturais em formatos bastante sugestivos selecionadas por Nazaré Oliveira durante a montagem para a exposição permanente da Casa da Cultura Márcio Furtado na cidade de Breves, em meados do ano 2000. Atualmente o prédio encontra-se em reforma, sendo parte de seu acervo resguardado pela Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Eventos que funciona no mesmo local.

Trazer à tona a figura desta marajoara de coração, desvela um fragmento de uma pesquisa que se alimenta com depoimentos e memórias buscando valorizar ações artístico/estéticas, a construção de saberes e o imaginário individual e coletivo

de Nazaré e de quem com ela conviveu, além de ressonâncias de sua ação. Sua presença como mediadora cultural, produziu e continua produzindo comportamentos e atitudes, o que esperamos ampliar no estudo e investigação de suas múltiplas facetas. Na continuidade desta pesquisa, esperamos levantar também os processos de mediação cultural vividos por Nazaré Oliveira, entendido como “provocativo, instigante ao pensar e ao sentir, à percepção, e à imaginação” como nos diz Mirian Celeste Martins (2012, p. 29).

NOTAS

¹ Os professores regentes de classe podiam lecionar no ensino primário, hoje fundamental I.

² Sobre o conceito de Amazônia Marajoara ver Pacheco, 2009.

³ Expressão usada por Nazaré, referindo-se a seu pai.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Flávia Maria Cunha. **O perturbamento do familiar: uma proposta teórica para a arte/educação baseada na comunidade**. In: BARBOSA, Ana Mae [org.]. **Arte/Educação Contemporânea: Consonâncias Internacionais**. São Paulo: Cortez, 2010.

BELAS, Carla Arouca. **Produção Artesanal da Ilha do Marajó: talas e fibras naturais, cerâmica e couro**. In: LIMA, Maria Dorotéa de; PANTOJA, Vanda [org.] **Marajó: Culturas e Paisagens**. Belém: IPHAN, 2008.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral - Memória, Tempo, Identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FURTADO, Maria Ivanilda Nemer. **A arte do Trançado: uma análise das técnicas e da morfologia do Artesanato na Comunidade Nossa Senhora do Carmo**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Arte, Expressão e Ensino) Universidade Federal do Pará, Breves, 2010.

GOLDENBERG, Mírian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisas qualitativas em ciências sociais**. Rio de Janeiro: Editora Record Ltda, 2011.

MARCONDES, Maria Inês; TEIXEIRA, Elizabeth; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de [orgs.]. **Metodologias e técnicas de pesquisa em educação**. Belém: EDUEPA, 2010.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. **Mediação Cultural para Professores Andarilhos na Cultura**. São Paulo: Intermeios, 2012.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**. Petrópolis: Vozes, 2013.

PACHECO, Agenor Sarraf. **En el corazón de la Amazonia: Identidades, Saberes e Religiosidades no Regime das Águas Marajoaras**. 2009. Tese (Doutorado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

Adriana Corrêa de Oliveira

Mestranda em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Especialista em Métodos e Técnicas de Ensino/UNIVERSO. Licenciada Plena em Educação Artística – Habilitação em Música/UEPA. Professora de Artes na rede pública de ensino do estado do Pará/SEDUC.

Mírian Celeste Martins

Doutora pela Faculdade de Educação/USP. Mestre pela Escola de Comunicações e Arte/USP. Docente do Curso de Pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura e do Curso de Pedagogia na Universidade Presbiteriana Mackenzie.